



DCI - 11 Mai 2004

Empresas já se acautelam contra escassez de energia

Os contratos firmados e em negociação entre a indústria eletrointensiva e as geradoras estatais começam a preocupar os investidores privados do setor elétrico. O motivo são os preços, considerados baixos por investidores privados.

Segundo Claudio Sales, presidente da Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE), o mercado passa por um período especial. A existência de excedentes resultou em preços mais baratos, o que incentiva leilões e os contratos de longo prazo. Ele diz, entretanto, que a situação a seu ver é transitória, e as indústrias correm para fechar os acordos, esperando que o excedente de geração desapareça em breve.

O problema, segundo Sales, é que a maioria dessa energia em excesso está nas geradoras estatais, e os preços firmados nesses recentes contratos, pouco acima dos US\$ 20 por MWh (megawatt/hora) são praticamente intangíveis para geradores privados. Ele diz que isso intimida os investidores. "Não há clareza e parece haver desbalanceamento na competição entre o setor estatal e o privado", afirma.

Alumínio

A Centrais Elétricas do Norte do Brasil (Eletronorte) já finalizou negociações com a Alcoa, que deverá ter fechado um preço de aproximadamente US\$ 20 por MWh durante 20 anos. A geradora também assina, no dia 24 deste mês, contrato com a Albrás, também de 20 anos, e com valor total de US\$ 3,4 bilhões. A empresa, da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), pagará preços entre US\$ 23 e US\$ 42 por MWh, variando de acordo com a cotação do alumínio.

A empresa também finaliza a negociação para a renovação do contrato com a Alumar, consórcio entre a Alcoa e a australiana BHP Billiton Metais. O contrato anterior vence em junho, e deve ser renovado nos moldes do acordo com a Albrás. O contrato pode se estender até 2010, caso a Alumar opte por acordo bilateral, ou até 2024, no caso de um leilão de compra.

Para Eduardo Spalding, coordenador da comissão de energia da Associação Brasileira do Alumínio (Abal), as condições de fornecimento do contrato, que prevêem cargas estáveis e não exigem investimentos da geradora em rebaixamento da carga, são suficientes para justificar os preços menores. Spalding considera que está havendo apenas uma renovação de contratos que já existiam e que não haverá impactos positivos ou negativos no mercado energético.

Crescimento e risco

Segundo a consultoria Global Invest, estamos num cenário onde o aumento da oferta de energia ainda está muito acima da demanda. Ainda assim, a consultoria alerta que apesar dos baixos índices de crescimento, o consumo de energia vem recuperando o nível pré-acionamento, e deve atingir o patamar de 2000 este ano. Como a consultoria prevê crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) de 3,1% este ano e 3,5% em 2005, alerta para possíveis prejuízos para a indústria eletrointensiva e também ao setor elétrico já em 2006.

Em artigo recente, José Augusto Marques, presidente da Associação Brasileira da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib), observou que em 2003 a economia recuou 0,2%, mas o consumo de energia elétrica cresceu cerca de 3%. Há sinais claros de que, este ano, o crescimento do consumo pode ser superior à flutuação do PIB, acredita.